

## PERFEIÇÃO, IMORTALIDADE E ONIPOTÊNCIA

Saudações e bênçãos divinas para todos vocês, caríssimos amigos. O amor divino é como um imenso manto de ouro finamente tecido, que permeia todo o universo, envolvendo a todos e a tudo que existe na criação. Essa é uma realidade permanente, em essência sempre acessível. É somente a mente desligada que não percebe e sai do círculo da graça, por assim dizer. Mas ela não está realmente afastada, apenas parece estar. E depois essa ilusão se transforma em realidade para a consciência que abriga essa ilusão estreita. À medida que crescem no caminho, descobrem mais ligações e ligações mais profundas em si mesmos, com o que está agora em vocês, de modo que finalmente se conectam com aquela essência de vocês que é o estado de graça que acabei de mencionar.

O seu universo mais íntimo é também o universo mais externo e vice-versa. Na realidade, não existe separação. Assim como o tempo é ilusão, também é ilusão o “dentro e fora” – tanto quanto a ilusão de vocês estarem separados do manto do amor divino, que também são vocês mesmos, pois vocês fazem parte do manto. Ele não é dado a vocês ou não está ao seu alcance – vocês são ele.

Eu sei, meus amigos, que é difícil entender esses conceitos, quanto mais vivenciá-los no seu estado atual, um estado em que uma condensação de energia e consciência criou pequenos núcleos, por assim dizer. Talvez eu possa usar a analogia da “bolsa de ar” para explicar a natureza ou a vida da matéria. No imenso mar da realidade divina existem, aqui e ali, “bolsas de ar” como formações e configurações que são produtos de determinados estados de consciência. Para aqueles que criaram essa condensação específica, que estão nesse estado de consciência, a criação parece única e isolada. Além dela, parece que nada existe, pois o que existe, produzido a partir de outros estados de consciência e desenvolvimento, não pode ser focado e percebido. A “bolsa de ar” em que vocês vivem representa a sua realidade atual. Pode haver uma “bolsa de ar” totalmente diferente para outros que vocês conseguem ver e ouvir, mas que vivem num mundo diferente e criaram uma configuração diferente.

O eu superior do homem, naturalmente, é a graça sempre existente de Deus – esse manto de amor, de verdade e beleza que permeia todo o ser. O eu superior de vocês conhece estados de realidade que a sua mente consciente ignora completamente. É somente na jornada para o ser mais profundo que vocês gradativamente ampliam a experiência e o conhecimento que vem do eu superior e penetra na mente da personalidade consciente. O que o eu superior sabe que é um fato, uma realidade, torna-se de alguma forma distorcido, de alguma forma não mais exatamente o que é, no estado limitado de percepção da mente consciente. Em outras palavras, quando o conhecimento da verdade, o conhecimento do eu superior é percebido através da névoa da consciência do ego, esse mesmo conhecimento se torna de alguma forma não verdadeiro, de alguma forma distorcido.

Na palestra desta noite vou falar sobre três estados específicos de realidade que, no eu superior, são belos, porém que na consciência do ego se tornam não verdadeiros, deslocados, distorcidos,

e que vocês poderiam chamar de neuróticos. Portanto, eles precisam ser abandonados primeiramente nesse nível de consciência, antes de poderem ressurgir como verdade num nível mais profundo de consciência. É muito importante entender isso. O homem luta constantemente porque sempre supõe que as coisas são ou certas ou erradas. No entanto, uma só coisa pode ser verdadeira em um nível e não verdadeira em outro.

Os três aspectos que quero abordar na palestra desta noite são a perfeição, a imortalidade e a onipotência. Vamos ver como esses três estados de realidade se comparam quando são experimentados na consciência do eu superior e quando são experimentados no nível da personalidade. Eu me aventuro a dizer, meus amigos, que vocês vão aproveitar muito se realmente assimilarem o que vou tentar transmitir. Vamos começar com a perfeição. A luta do eu superior pela perfeição é, naturalmente, um movimento legítimo. Pois a alma sabe que esse estado de realidade existe como uma realidade em si mesma, viva, palpitante. A perfeição da entidade espiritual é muito diferente, no entanto, da maneira como o ego a concebe. A perfeição, na realidade, é um fluxo em constante mudança. Não tem nada de estático. Uma coisa não se opõe à outra. Verdade, beleza, amor são manifestações sempre cambiantes, mudando sempre de acordo com a ocasião. Assim, a perfeição é um estado em constante mudança. A perfeição concebida pela consciência do ego é estática, muito limitada e excludente, ao invés de inclusiva. Portanto, ela degenera em perfeccionismo. Quando isso acontece, a dualidade se instala. Uma coisa parece boa, enquanto a outra parece ruim.

A luta pela perfeição, do ponto de vista do ego, precisa ser abandonada para que a pessoa possa realmente atingir a perfeição do eu superior. Vamos analisar as motivações da perfeição nos dois níveis – o do ego consciente e o do eu superior. Vamos examinar também algumas das qualidades e traços que as manifestam nesses dois estados.

A motivação – se é que existe isso do ponto de vista do eu superior – para ser perfeito e querer a perfeição é o amor. É o reconhecimento de que apenas no estado de amor puro a criação pode avançar, o grande plano da evolução pode ser fomentado. Deus é perfeição; portanto o eu-Deus é perfeito – em sabedoria, amor, beleza, unidade, abrangência de tudo, realidade não dividida na qual o que é bom e desejável para um também deve sê-lo para todos os outros. É um estado de ser descontraído, no qual não existe medo, orgulho, vontade egoísta. Existe por si mesmo – simples e puro. Abriga em si um estado de profundo autoconhecimento onde há respeito e amor pelo eu, assim como por todas as outras criações. Portanto, não é preciso provar nada. É aberto e não tem fórmulas nem regras rígidas. A liberdade e a segurança internas possibilitam à entidade decidir espontaneamente quando ser brando e quando afirmar firmemente uma posição. Não existe sentimentalismo piegas que temerosamente foge da confrontação. A coragem de correr o risco da rejeição em nome da ajuda e da verdade existe sem se transformar numa posição extremada de virtuosismo punitivo. Expansão, doação, expressão vigorosa e alegre da realidade divina brotam no estado de agressão positiva, bem como no estado de receptividade suave e aceitação. A perfeição é uma força viva, palpitante, que cura, cresce, cria, porque existe como um fim em si mesma. Nesse estado, expressam-se constantemente diversas qualidades divinas, não apenas amor, verdade, justiça, beleza, mas também vigor criativo, vitalidade, muitas e muitas expressões do eu, da vida, alternando-se sempre com a finalidade profundamente arraigada de espalhar a realidade divina por todo o vazio. Essa é uma explicação muito limitada, meus amigos, pois não há palavras humanas para descrever esse estado. Vocês precisam recorrer aos sentimentos mais íntimos, às faculdades intuitivas da alma para entenderem o que procuro transmitir.

Pois bem, como é a luta pela perfeição no plano da personalidade do ego? Quais são as motivações? Quais são as atitudes? Evidentemente, existe orgulho – a necessidade de ser perfeito para ser melhor que os outros. Com esse sentimento, já existe uma total distorção da realidade – uma distorção que também é muito difícil de transmitir. Tudo o que posso dizer é o que já mencionei muitas vezes: quando vocês se comparam dessa maneira, têm a ilusão de que existe uma cota limitada de perfeição disponível, de modo que precisam cuidar ciosamente da sua parte e tirar a dos outros, para atingirem seu objetivo. Ao mesmo tempo, o estado já desenvolvido de outra pessoa parece diminuí-los. Assim, vocês procuram tornar-se perfeitos à custa dos outros, o que naturalmente já anula a meta perseguida, pois nada poderia ser menos perfeito que a cobiça, a inveja, o ciúme, a ambição estreita e a vaidade que estão presentes nessa atitude, para não falar da visão muito imperfeita e limitada da vida em que essa exclusividade parece ser real para vocês.

Outra distorção da busca da perfeição no nível da personalidade é o medo da imperfeição interior, o senso oculto de falta de valor que jamais é encarado, entendido, trabalhado em seus detalhes e nas pequenas manifestações cotidianas. Em vez disso, vocês vestem uma máscara de perfeccionismo para provarem ao mundo e ao eu que essa falta de valor, temida e suspeitada, na verdade não existe. A perfeição, nesse caso, se transforma numa solução vinda de fora para a falta de valor que vocês não querem experimentar nem examinar. Assim, o que temos aqui é fuga, inverdade. Vocês não são verdadeiros no sentido de não quererem ver o que realmente sentem e pensam sobre si mesmos, e em vez disso fingem lutar por uma aparência. No nível do ego, a perfeição se torna, ou é, algo voltado para fora, para os outros, para as aparências.

Assim, se a perfeição, um estado divino, é buscada nesse estado de inverdade, a falsa busca leva fatalmente a uma rígida distorção, uma verdadeira caricatura do verdadeiro estado de perfeição. Com essa atitude de orgulho, medo e inverdade, vocês também carecem de fé na sua própria natureza profunda; portanto, afoitamente procuram simular o estado de perfeição que não surgiu naturalmente. A simulação da aparência de perfeição (isso pode aplicar-se a aspectos específicos da personalidade, e não tanto à personalidade como um todo) implica uma profunda desonestidade por parte do eu inferior. É de fato uma farsa, uma vontade de passar por cima do trabalho árduo de transformar-se, querer atingir o resultado almejado sem pagar o preço correspondente. Isso, por sua vez, aumenta a culpa e a sensação de falta de valor, que é difusa e não claramente delineada na percepção consciente.

A perfeição imposta de fora – ou antes, o perfeccionismo – é sempre cega, insegura, e portanto pautada por regras. Muitas vezes recorre à verdade de maneira deslocada, com generalizações que não se coadunam com a ocasião. O eu pode ser às vezes erradamente brando, quando a confrontação e a afirmação seriam adequadas, e intolerante e crítico quando a aceitação seria apropriada. Para muitas personalidades, uma ou outra dessas duas atitudes parece ser “divina” ou “certa” e é usada sem discriminação, pois passou a fazer parte da estrutura da personalidade. Como a profunda falta de fé no eu não é encarada, ela é sempre projetada no exterior, por meio do cinismo e negativismo em relação ao mundo. Alternativamente, pode haver uma falsa aparência de fé. A autocrítica que não é encarada abertamente distorce a personalidade, transformando-se em rígido moralismo em relação aos outros. É frequente os religiosos distorcerem a realidade dessa maneira, racionalizando sua atitude tacanha por meio de doutrinas religiosas. No entanto, também é possível projetar a complacência consigo mesmo e a culpa de outra forma, assumindo uma atitude excessivamente permissiva e sentimental, de modo a criar uma máscara de autoaceitação que não passa de aparência.

Fica muito claro, meus amigos, que é preciso abandonar a alegação de perfeição em prol da verdade e da humildade de aceitar a imperfeição. E esse é de fato o limiar que vocês precisam atravessar para, aos poucos, abrir espaço para a perfeição da alma, que sempre existe, sempre se desenvolve, perfeição que será vivenciada de uma maneira muito diferente com essa outra abordagem. A humildade de renunciar ao perfeccionismo, a honestidade de pagar o preço do desenvolvimento lento rumo a um ser mais autenticamente perfeito são condições prévias indispensáveis – de fato, são aspectos da própria perfeição. Pode parecer paradoxal: aceitar humildemente suas limitações, seu estado imperfeito, encará-lo criativamente, construtivamente e especificamente, para entender e fazer ligações, já são manifestações do Deus interior.

Vamos passar agora à imortalidade. Outro estado da alma, estado da realidade que o eu superior sabe que existe é a imortalidade. No entanto, quando a consciência está desligada do eu superior, a mensagem vinda dele se deforma e a tradução dessa percepção atinge o pensamento consciente como medo da morte, assim como a mensagem do eu superior sobre a possibilidade da perfeição atinge a personalidade consciente como medo da imperfeição. O medo da morte significa o seguinte, no nível mais profundo: “quero experimentar o estado de imortalidade que sei que existe, embora esteja temporariamente preso na “bolsa de ar” dualista da vida versus a morte – do ou/ou”. Com essa experiência, essa visão, quando vocês estão em um dos lados não enxergam o outro, e têm medo de renunciar ao outro.

O medo da morte também implica a falta de fé na realidade sempre presente de toda a vida, de toda a consciência. No entanto, quando a vontade egoísta e o medo motivam a mente consciente da personalidade exterior, a verdade da imortalidade é distorcida e buscada para evitar o medo da morte. Aceitar verdades espirituais, princípios espirituais de mortalidade para negar o sentimento de que o medo da morte pode continuar a existir é uma manifestação neurótica. A personalidade tem medo de atravessar o túnel de seu medo. É somente quando esse túnel é encarado com coragem, como é preciso fazer com todos os sentimentos temidos, e é atravessado, que a vida eterna passa a ser uma realidade experimentada, quer vocês estejam no corpo ou fora dele.

A motivação para acreditar na imortalidade exerce um papel enorme nesse caso. Se vocês esconderem o medo da morte, a falta de fé, o seu desligamento da criação interior desse medo sombrio, e colocarem por cima disso uma verdade vinda do exterior, vocês devem abandonar a imortalidade e aceitar a mortalidade até poderem se tornar de fato imortais.

Agora vamos examinar o terceiro elemento dessa tríade: a onipotência. Mais uma vez, o estado de realidade final da alma conhece sua onipotência, sua divindade, seu poder de criar, o poder de criar mundos e recriar o eu de milhares de formar jubilosas, de desfazer essas formas e criá-las novamente. Esse estado de onipotência é vagamente percebido de forma distorcida, como os outros dois, pela personalidade consciente. Quando essa mensagem distorcida do eu superior passa pelo estreito funil do canal que existe ainda muito diminuto, sua manifestação é a alegação infantil de onipotência que vocês todos sabem que existe nos bebês e que existe também nos aspectos infantis do adulto. Nesse estado distorcido, imaturo, a vontade egoísta exige onipotência total: “quero as coisas à minha moda. É preciso não haver obstáculos nem demora, custe o que custar aos outros. Quero minha vontade satisfeita imediatamente, sejam quais forem as consequências.” Esse senso de onipotência da personalidade exterior é a vontade de obter soluções mágicas que deveriam eliminar a necessidade de lidar com a realidade atual, criada pelo eu: por exemplo, a necessidade de lidar com a frustração, a dor, as dificuldades, o esforço, de aprender com eles, crescer através deles, etc.

Evidentemente, trata-se de algo destrutivo. Implica egoísmo, falta de amor, implacável desconsideração pelos outros chegando até a crueldade, falta de realismo (acreditar que os obstáculos podem desaparecer por um simples ato de vontade, em vez de aprender com eles por meio da aceitação e assim transcendê-los), visão limitada da realidade da criação, falta de confiança ou fé, e também a fraude que visa evitar o esforço do crescimento.

Assim, é claramente necessário que a pessoa em crescimento, em amadurecimento, renuncie à alegação de onipotência e magia, juntamente com todos os traços negativos inerentes a essa alegação – e tenha a humildade de aceitar suas limitações. Quando vocês fizerem isso, poderão atravessar o portal e ampliar gradualmente sua capacidade de criação. Mas essa expansão ocorrerá naquele outro nível, de maneira totalmente diferente.

No nível do eu superior, a motivação para experimentar o verdadeiro estado divino de onipotência nada tem a ver com orgulho, vontade egoísta ou medo. Não exclui os outros, mas sempre os inclui. É uma poderosa força brilhante de autoexpressão que nunca viola o direito dos outros. A onipotência tentada no estado imaturo viola o direito dos outros e busca limitá-los em nome de seu próprio poder maior. Procura subjugar os outros como instrumento de sua própria onipotência. O estado divino de onipotência se deleita com a onipotência igual dos outros; jamais existe uma luta de poder entre entidades nesse estado.

Portanto, meus queridos amigos, vamos ver como vocês precisam renunciar a um estado para reconquistá-lo em outro nível, de outra maneira. Vocês precisam esquecer, temporariamente, o objetivo. Precisam renunciar à alegação de perfeição pelos motivos do ego – medo, orgulho, comparação, vaidade, medo de sua própria deficiência. Precisam ter a humildade de enxergar suas imperfeições, o que, em si mesmo, é a maneira mais segura e rápida de caminhar para a perfeição.

Vocês precisam abandonar temporariamente a crença na imortalidade, mesmo que ela seja muito certa, porque apesar dessa crença, vocês ainda não conseguem conceber a mudança, a transformação de consciência no plano de sentimentos e experiência que ocorre quando o corpo é deixado para trás. Por enquanto, para vocês isso não passa de palavras. E quando vocês usam essas palavras para negar uma vaga inquietação, a ansiedade, o medo – o medo daquele estado desconhecido, provocado pelos verdadeiros princípios e fatos de uma vida maior superpostos a ele – nesse caso, é importante que vocês, temporariamente, abram mão dessa crença. Em seguida, vocês precisam admitir o medo, a perplexidade, a ansiedade, a sensação de total falta de rumo. Pois na verdade vocês estão diante de uma muralha que ainda não conseguiram atravessar. É verdade que quem construiu essa muralha foram vocês mesmos. É verdade que essa muralha é o resultado da sua falta de ligação e da virada que a sua mente deu na “bolsa de ar” da sua realidade condensada. No entanto, a muralha que criaram só pode ruir quando vocês aceitarem sua existência e se permitirem sentir os sentimentos que essa muralha desperta em vocês. Portanto, vocês não precisam abandonar as ideias, e sim admitir que as ideias são apenas ideias para vocês e que os seus sentimentos estão muito distanciados delas e que vocês temem essa muralha negra do desconhecido, que precisam ultrapassar.

Vocês precisam passar por muralhas semelhantes do desconhecido praticamente todos os dias da sua vida, se quiserem viver plenamente, sem se limitarem, sem se privarem. Quanto mais fizerem isso de bom grado, mais as muralhas vão ruir, até mesmo a grande muralha. Assim será possível, mesmo enquanto estiverem vivendo no corpo, experimentar essa mudança de consciência. Vocês

atravessam muralhas do terror do desconhecido no trabalho do caminho, em resultado do seu compromisso com seus sentimentos, sentimentos que vocês haviam negado: dor, ódio, rejeição por si mesmos, culpa, raiva, todas as nuances de medo e terror, bem como os sentimentos ainda mais temidos de amor, sexualidade, ventura, união. Ao aprenderem a navegar por esses sentimentos apesar do medo inicial, vocês atravessam muralhas negras e experimentam uma maravilhosa nova liberdade, uma maravilhosa liberação, um enriquecimento. Um estado anteriormente desconhecido passa a ser um estado conhecido. Não adianta nada dizerem a si mesmos que acreditam que esses sentimentos não devem ser temidos, e depois procurar evitá-los, evitar atravessar o túnel escuro que eles parecem ser. É somente quando vocês navegam por esses sentimentos que realmente se livram deles, de modo que o medo deles jamais volta no mesmo grau. Ao repetirem isso toda vez que um medo remanescente de qualquer sentimento ressurgir, por fim não restará nenhum medo de nenhum sentimento ou estado. O mesmo acontece com o grande medo do aparente túnel final.

Quando vocês empreendem a expansão para novos territórios na vida cotidiana, quando deixam de dificultar a expansão porque adquiriram a fé e a coragem essenciais para ingressar num novo estado, vocês transformam o desconhecido em conhecido. Todo desconhecido temido – seja um sentimento que vocês consideram negativo, seja um novo estado ampliado de experiência que é realmente positivo – parece a vocês uma muralha negra que inspira medo e vocês querem evitar, e portanto querem impedir que o fluxo constante da vida siga seu curso natural. Assim, ao abandonar temporariamente a crença exterior, ou esperança, ou princípio, ou teoria da imortalidade e aceitar o medo da mortalidade, vocês podem atravessar a muralha negra e perceber efetivamente a imortalidade como um fato vivenciado. O mesmo acontece com a perfeição, com a onipotência ou com muitos outros estados de realidade que não abordamos hoje. Aliás, o mesmo se aplica aos sentimentos dos quais vocês têm pavor. Depois que passarem por eles, vocês vão experimentar o verdadeiro estado que prova de fato que não é preciso temer esses sentimentos.

Quanto à onipotência, vocês já estão trabalhando intensamente esse aspecto no caminho. Vocês estão descobrindo a criança interior que exige onipotência e soluções mágicas. Vocês expressam essas reivindicações e desejos e a raiva que surge quando os desejos não podem ser satisfeitos. Vocês aprendem a aceitar a limitação da sua personalidade atual. Essa personalidade é limitada. Vocês precisam ter a humildade de aceitar esse fato. Precisam de fé para renunciar ao que acreditam que precisam ter neste exato momento, principalmente se for um movimento forçado que desconsidera o ritmo da vida, da vida de vocês, da vida dos outros. É somente por esse ato de amor, confiança, decência, honestidade e humildade que poderão voltar à onipotência de uma forma totalmente nova e diferente. Vocês já estão cada vez mais descobrindo uma nova força, um novo poder criativo, novas capacidades, novas faculdades intuitivas que jamais antes haviam considerado possíveis. Eles são o resultado direto do abandono da falsa versão de perfeição, imortalidade, onipotência – e outros estados para os quais vocês precisam evoluir gradualmente.

Assim, meus amigos, vocês podem ver que quando estados de realidade no nível da verdade e da criação cósmicas passam pelo estreito filtro da personalidade do ego e são mal compreendidos pela personalidade consciente, esses mesmos estados que são uma verdade divina se transformam em mentiras e manifestações neuróticas.

A confusão da humanidade quanto a esses estados, nessa altura da sua época, da sua história, é muito significativa. Vamos esclarecer o movimento evolutivo a esse respeito. Em épocas anteriores, quando a religião tinha forte presença na vida da humanidade, a verdade era postulada. A humanida-

de, naquela altura de seu desenvolvimento, precisava primeiro avaliar intelectualmente esses princípios, que de maneira alguma podiam ser seguidos emocionalmente. Mas era preciso começar num determinado estágio de desenvolvimento. É sempre assim: primeiro uma nova ideia precisa ser avaliada para depois ser incorporada à consciência mais profunda. Essas ideias novas e verdadeiras precisam vir do exterior, para facilitar a abertura do canal, para poderem ser vivenciadas pelo eu interior. As facções mais desenvolvidas dos movimentos religiosos interiores sempre souberam que esses estados de perfeição existem no homem como potencial a ser concretizado. Sempre souberam que Deus está no íntimo, e sempre postularam isso. No entanto, naquela época, isso não poderia ser mais que uma teoria, um objetivo distante. Essa verdade foi mal entendida, mal formulada e mal utilizada pelo ego orgulhoso, dominador e temeroso, de modo que os estados perfeitos eram forçados, simulados, punitivamente ordenados para aplacar o medo de encarar as partes em que esses estados ainda não podiam existir na personalidade.

Esse abuso e mau uso, essa perigosa fuga dos passos de desenvolvimento necessários, exigiram um novo movimento na história de vocês, que surgiu com a psicologia. À medida que a psicologia se desenvolveu, essas manifestações distorcidas foram identificadas como pseudossoluções ilusórias. Foram designadas estados neuróticos que a pessoa amadurecida abandona naturalmente, pelo menos até certo ponto. Na melhor das hipóteses, houve uma aceitação da limitação, da imperfeição e da mortalidade através da psicologia.

Depois, no entanto, esse movimento psicológico muito importante também começou a degenerar, em resultado do estado dualista que o fez perder de vista que existia ainda outro passo. Era preciso atingir outro nível, onde o falso se tornou novamente verdadeiro. Com relação à tríade desta palestra, perfeição, imortalidade e onipotência efetivamente existem. Portanto, a negação total desses estados pela psicologia é igualmente inverídica, embora a princípio fosse necessária para dar prosseguimento à curva de crescimento.

Na nova era em que tudo leva à descoberta e à fusão com os níveis interiores – uma fusão das dualidades, do princípio do ou/ou – vai-se descobrir que nem vocês são perfeitos, nem renunciam para sempre à perfeição. Nem são imortais agora, nem renunciam à imortalidade para sempre. Nem são onipotentes agora, nem permanecerão para sempre limitados e separados. Vocês vão descobrir que diferentes verdades se aplicam a diferentes níveis. No nível exterior da personalidade, de fato vocês não são perfeitos; de fato são mortais; de fato estão longe de serem onipotentes. Mas no âmago de vocês já existe perfeição absoluta, imortalidade e onipotência. É somente quando deixam de insistir em possuir essas qualidades de imediato que vocês vão saber o que é perfeito e o que não é perfeito; o que é vida e o que é morte; o que é poder e o que é fraqueza.

Quando vocês estão na confusão dualista, vocês não sabem. Muitas vezes, acham que sabem o que é perfeito ou imperfeito, mas não sabem, pois não entendem e não conseguem ver muito longe nas reações em cadeia. Vocês não percebem a dinâmica. Muitas vezes, acreditam que uma coisa é a morte quando de fato é a vida, e vida quando de fato é a morte. Por exemplo, quando amortecem a sua faculdade de sentir e a faculdade de viver em profundidade a vida, vibrar com ela, vocês acham que estão vivos. E quando passam pelo portão, acham que estão mortos. Mesmo durante a vida no corpo, vocês acreditam que experimentar dor e terror, que a sua falta de valor imaginária é a morte, que vai aniquilá-los. Quando vocês reúnem a coragem de passar por aquilo de maneira verdadeira, descobrem que adquiriram nova vida. De fato, naqueles sentimentos que vocês temiam tanto quanto a morte, existe muita energia vital, muito da vitalidade contida que vocês propositadamente amorte-

ceram. Portanto, meus amigos, nem mesmo saber o que é uma coisa e o que é outra, é verdadeiramente possível no plano da personalidade, da mente consciente agora. Sabendo disso, talvez vocês aprendam de bom grado a não insistir mais na perfeição, na imortalidade e na onipotência que nascem do medo, da falta de fé, do ódio por si mesmo, da visão limitada, do orgulho, da impaciência, da desconfiança. Vocês vão aprender a abandonar essa pretensão quando viverem até o fim os sentimentos que geram a premência de chegar àqueles estados. Assim vocês vão atravessar portões, túneis e muralhas.

Existe outro aspecto da ligação entre a mente consciente e o eu superior. Como vocês podem perceber muito claramente pelo que foi dito, se a ligação for parcial e o fato de ela ser apenas uma ligação parcial não for claramente entendido, pode haver danos. Esse mesmo processo que expliquei com relação a esses três aspectos pode existir de muitas outras maneiras. Não quero insinuar nem de leve que a mente consciente não deva procurar se ligar ao eu superior – muito pelo contrário. Mas o importante é saber que uma bela abertura em uma área não é garantia nenhuma de que exista uma abertura semelhante em todas as outras áreas. Há seres humanos que estabeleceram um bom canal e uma ligação com o eu superior. Naquela área pode ser um canal fluente, bonito, onde a mente consciente pode de fato receber inspiração, orientação e instrução do Deus interior. No entanto, se a personalidade consciente acreditar que esse fato significa que a pessoa agora está verdadeiramente “segura” e tem aquela ligação em todas as áreas, isso pode se tornar um perigo. Quando não há ligação, o canal não está aberto e não funciona, por mais aberto e verdadeiro que seja em outra área. É um grande erro supor que um canal aberto garanta que ele poderá dar instruções verdadeiras ou apontar todos os pontos cegos que ainda existem na personalidade. Onde a personalidade ainda mostrar resistência, bloqueios, defesa, e tiver interesse em não reconhecer ou admitir essa atitude, o canal aberto não consegue funcionar.

Esse é um perigo específico do caminho para a abertura do canal. Muitos já tropeçaram nesse ponto. Antes de se abrir o canal, esse perigo não existe no mesmo grau – existem outros perigos. Mas depois de aberto o canal, de certa forma existe uma crença de que o eu divino que funciona e se comunica tão bem, pode mostrar onde estão os pontos cegos. A pessoa em questão vai ficar fechada em si mesma. O orgulho ainda existente pode deixá-la surda para a ajuda dos outros que, de fora, podem indicar melhor o que o canal não consegue revelar. Agora que um número maior de vocês está experimentando esse canal recém-despertado como uma imensa fonte de alegria e força, quero adverti-los particularmente sobre esse fato, para que evitem as armadilhas. Muitos inovadores e canais espirituais altamente desenvolvidos acabaram entrando em decadência mais tarde pelo fato de ignorarem essa dinâmica. O Deus interior jamais força alguma coisa ao eu que o eu mesmo não busque ativamente. Essa lei jamais é rompida. É por isso que é essencial continuar o trabalho do caminho com um ajudante e os seus amigos em grupos – talvez num sentido diferente – mais ainda depois do canal começar a funcionar.

Perguntem seriamente a si mesmos em que pontos ainda resistem e se defendem, em que pontos se seguram e têm interesse em não deixar entrar nada que lhes pareça ameaçador. Na medida em que puderem admitir que essa atitude existe, vocês já estarão muito melhor, pois contarão com as ferramentas para trabalhar a questão e poderão entender que isso limita a sua percepção da realidade e o seu canal para o eu superior. Mesmo se o canal aberto já funcionar, ele pode ser mal traduzido e mal usado para perpetuar a resistência. Essas distorções não existem apenas com relação à tríade que discuti hoje, mas em muitas áreas da vida, numerosas demais para serem enunciadas agora. Mas fiquem atentos para essa possibilidade! Uma abertura, um estado de receptividade incompletos, um



estado de defesa distorce as mensagens do eu superior, quer elas se manifestem na forma de um anseio, um esforço não verbalizado, ou em instruções e palavras enunciadas.

O caminho de vocês é um empreendimento abençoado, de fato abençoado. Gostaria que vocês pudessem ver a diferença do quadro interior de vocês logo depois dos primeiros passos dados – que talvez sejam os mais difíceis. E que vocês pudessem ver o quadro interior ainda mais glorioso, mais ampliado que se tornará seu lar quando o compromisso com a totalidade da personalidade e com a verdade de todo o ser for sempre renovado e estiver arraigado; se vocês aprenderem a ter fé nos períodos sombrios da vida, esses mesmos períodos vão se encurtar (e já se encurtaram) à medida que vocês avançam no caminho. Eles vão se tornar menos temíveis e menos frequentes. Continuem nessa bela jornada, não existe outra melhor. Todos vocês são abençoados da maneira mais profunda possível. Bênçãos para todos os passos do caminho de vocês, com amor e com fé. Sejam seu Deus.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.